

Os bares e a modernidade: as disputas de sentido sobre Belo Horizonte¹

Viviane da SILVA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

Resumo

O presente artigo investiga os agenciamentos das memórias da entrada dos bares no cenário oficial de Belo Horizonte, no contexto dos projetos de modernidade que marcaram a capital ao longo das décadas. Por meio da análise do documentário Bar do Orlando - 100 anos [2019], e utilizando a análise de conteúdo, de Bardin (2016) e a análise da materialidade audiovisual, de Emerin, Coutinho e Finger (2023), identificamos como o planejamento de Belo Horizonte influenciou a constituição de um imaginário sobre a cidade, constantemente disputado por diferentes atores sociais. A pesquisa revela os tensionamentos dos discursos turísticos dos bares e como a memória sobre eles revela as influências do projeto turístico da Belotur. A posição turística dos bares está sujeita a mudanças, conforme os interesses das gestões, e as disputas dos diversos atores sociais reconfiguram as memórias sobre a cidade.

Palavras-chave

Modernidade; Belo Horizonte; Bares; Disputas de sentido.

Corpo do trabalho

Ao falar sobre as experiências de modernidade no mundo, Quijano (2005, p. 122) define a modernidade fora da europa como uma experiência colonial/moderna. Ao observar o processo de modernidade em Belo Horizonte, do antigo Arraial Del Rey

¹ Trabalho apresentado na Sessão Temática: Discursos, Identidades e Relações de Poder, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Pesquisa Aurora - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Organizações e Lutas Sociais. E-mail: silvaviviane.1995@gmail.com.

para a construção da nova capital, comprehende-se que esse projeto deixou marcas profundas na constituição dos bairros e das experiências vividas na cidade.

As esquinas belo-horizontinas abrigam inúmeros bares, que ilustram a vida da capital mineira. Essas esquinas, tomadas pela sociabilidade efervescente, revelam aspectos controversos da relação dos bares com a modernidade de Belo Horizonte, especificamente, o Bar do Orlando (Silva, 2024). É essa temática que busca-se evidenciar neste artigo: como os bares disputam sentidos, por meio dos seus produtos de memória, e revelam os tensionamentos no projeto de modernidade, que agora investe no turismo da capital mineira.

Contextualizamos a partir de Chacham (1994, p. 50-53), Baggio (2005) e Quijano (2005), como a fundação da cidade, projetada por Aarão Reis, promoveu exclusões do espaço e uma estética funcionalista que supriu lugares e vivências importantes para a população, em nome de um projeto moderno. No entanto, mesmo sendo lugares que não permitiam a aglomeração e a ocupação com fins de lazer, as esquinas da cidade se tornaram pontos importantes da sociabilidade belo-horizontina.

Os estabelecimentos centrais não eram os únicos lugares de sociabilidade. Bairros, como o Santa Tereza, se tornaram ao longo dos anos a identidade boêmia de Belo Horizonte. Segundo Ticle (2016, p. 52), nasceram diversos comércios na região, que, também, se tornaram lugares de lazer da cidade. É o caso do centenário Bar do Orlando, que nasceu como um bar para os pescadores. Silva (2024) revela como o bar deixou de ser um espaço para preparo dos peixes e se tornou abrigo do samba e de encontros de uma clientela cativa.

A partir das discussões de Silva (2024), observamos que, durante muitas décadas, Belo Horizonte não investiu nesses espaços de sociabilidade. Para a gestão da cidade, a preocupação era a promessa de modernidade. No entanto, as mudanças ocorridas na gestão pública, nas últimas décadas, afetaram o posicionamento dos bares na imagem turística da capital.

É por meio da criação da Belotur que acontece um investimento nesses estabelecimentos no cenário oficial da cidade. A empresa foi criada pela Lei Municipal nº 3237, de 11 de agosto de 1980 (BELO HORIZONTE, 1980), com o objetivo de fomentar o turismo local. Contrapondo a ausência de articulação com os bares, em

suas primeiras décadas, Belo Horizonte passa a investir na imagem de capital dos bares por meio da empresa.

Em 2019, o Bar do Orlando lançou um documentário para comemoração de seu centenário, intitulado como Bar do Orlando - 100 anos [2019], que foi realizado pela produtora A Macaco, e apresenta entrevistas com os proprietários e frequentadores do estabelecimento. O documentário, mostra-se interessante para refletir este contexto de ressignificação da cidade e seu turismo, pois este bar se destaca no cenário boêmio da cidade. Conforme Pollak (1992), as memórias são permeadas pelas tensões em seu processo de agenciamento. Portanto, é possível discutir como as memórias dos bares são agenciadas e utilizadas para um discurso dos bares que revela, em parte, o discurso da cidade.

Analisamos trechos do documentário, a partir do método de análise de conteúdo, de Bardin (2016) e da análise da materialidade audiovisual, de Emerin, Coutinho e Finger (2023), com o objetivo de identificar como o Bar do Orlando compõe esse cenário de conflito da presença dos bares nas esquinas da cidade. Nossa análise foi feita a partir de quatro eixos avaliativos, baseados nas análise de Silva (2024): “construção da narrativa: quem nos fala?”, “experiência dos sujeitos com o espaço”, “fotografia e vídeo” e “traços de tradição e modernidade”. A escolha desses eixos é construída a partir de perguntas que direcionaram o nosso objeto.

A análise contribuiu para identificar o bar como um elemento de tradição importante do Santa Tereza: nos eixos “quem nos fala?” e “experiência dos sujeitos com o espaço” identificamos que, para os clientes, o bar e região tem um clima de cidade do interior. Apesar do espaço conservar um ambiente interiorano, como se revelam nas imagens analisadas no eixo “fotografia e vídeo”, existe uma contradição por conta da intensa circulação do bar e do bairro, que marca a impessoalidade da modernidade.

Essa marca da impessoalidade nos bares, faz parte da nova configuração dos projetos da Belotur, como o Concurso Gastronômico Comida di Buteco, ao criar regras e padronizações para participação desses estabelecimentos com o objetivo de ampliar a clientela. A Belotur, cabe lembrar, iniciou suas atividades na década de 80 e passou a investir em diversas frentes para melhorar o turismo e, por este motivo, em 1990 nasciam campanhas como “Eu amo BH radicalmente” (Rocha, 2007, p. 191). Sobre o

fazer turístico, Baldisserra (2010) fala sobre os tensionamentos que acontecem na comunicação, exercidos a fim de direcionar um sentido desejado. Os discursos sobre o resgate das tradições belo-horizontinas, que analisamos no eixo “traços de tradição e modernidade”, ligados à mineiridade, são uma forma de utilizar o passado para constituir um novo futuro, uma comunicação formal que busca disputar novos sentidos no âmbito do turismo de Belo Horizonte.

Os bares, então, são um elemento importante para projetar a capital no roteiro de turismo nacional. Sua potência econômica e cultural impulsionam as ações da Belotur. É esse contraponto temporal que encontramos na análise do objeto, os bares eram lugares de resistência e, apesar disso ser apreendido no material, o que se destaca é um discurso alinhado à comunicação formal da Belotur.

Acerca disso, apontamos a discussão de Baldisserra (2009) sobre a comunicação organizacional por meio de três dimensões: a organização comunicada, a organização comunicante e a organização falada. Os bares, ao falarem sobre si no contexto de turismo da cidade, incorporam sentidos propostos pela Belotur, sem abandonar elementos de alteridade que constituem o nascimento desses espaços. Nesse contexto, são percebidas “permanentes tensões entre os diversos sujeitos articulados no (re)tecer a rede de significados (lugares de comunicação e exercício de poder)” (Baldisserra, 2010, p.8.).

É fato, como Silva (2024) discorreu em sua pesquisa, que o planejamento da cidade refletiu nas formas de sociabilidade dos moradores. A sociabilidade, que nasceu em meio a um projeto excludente e funcionalista, foi, contraditoriamente, um aspecto fundamental para a relevância dos bares no cenário turístico moderno da cidade.

Esse contexto não está acabado, pois diante de tantos projetos na história da capital mineira, a relevância dos bares pode mudar, de acordo com os interesses das gestões e as disputas dos diversos atores sociais que vão reconfigurando as relações e a imagem sobre a cidade moderna.

Referências

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A luminosidade do lugar.** Circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Tese de doutorado.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. Revista Brasileira Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Organicom, São Paulo, Abracorp,ano 6, ns. 10/11, p. 115-120, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. **Comunicação Turística**. Caxias do Sul: Revista Rosa Dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, vol. 1, n.1, p. 6-15, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Casa de Ideias, 2016.

BELO HORIZONTE. Lei n.º 3237, de 11 de Ago. de 1980. **Define a política municipal de turismo; dispõe sobre áreas especiais e locais de interesse turístico; cria unidades e complexos turísticos; autoriza a instituição da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte - Belotur e dá outras providências**. Belo Horizonte: Câmara Municipal, 1980.

CHACHAM, Vera. **A memória dos lugares em um tempo de demolições [manuscrito]**: a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte das décadas de 30 e 40. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia. Belo Horizonte, 1994, 257f.

EMERIN, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro Florianópolis**: Insular, 2023.

POLLAK, M. (1992). Memória e identidade social. Estudos Históricos, 5 (10), 200-212.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: Edgardo Lander (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005

ROCHA, Gilmar. **Belo Horizonte sincretista**: pequeno ensaio sobre a morfologia mental de uma cidade centenária. Belo Horizonte: Cadernos de História, v.9, n.12, p. 175-201, 2º sem. 2007.

SILVA, Viviane da. **Bar do Orlando e Bar do Nonô**: produtos memorialísticos dos bares frente aos projetos de modernidade de Belo Horizonte. 182 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2024.

TICLE, Maria Letícia Silva. **O nó entre o espaço e o tempo em Santa Tereza**: os bares na paisagem boêmia em um bairro de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, 2016.